Cidade, natureza e ilusão: Ítalo Calvino e a épica moderna nas desventuras de *Marcovaldo ou As estações na cidade.*

Camila Pierobon

Resumo

O trabalho propõe uma análise da obra Marcovaldo ou As estações na cidade do escritor Ítalo Calvino, estabelecendo a relação possível entre sociologia e literatura. O livro narra a história de um operário pobre da cidade industrial que procura alívio para sua realidade objetiva criando fantasias românticas e utópicas sobre a cidade e a natureza. Nos interessa refletir sobre a relação necessária entre cidade, homem e natureza, entendendo a cidade como condição inevitável da humanidade. Nosso interesse, tendo como mote o texto de Calvino, será o de efetuar a análise rigorosa do sentido dialético das contradições objetivas presentes na cidade capitalista do século XX.

Palavras-chave: Ítalo Calvino, literatura italiana, mundo urbano-industrial, cidade, utopia.

Abstract

This essay proposes an analysis of the romance Marcovaldo: or the Season in the city by the writer Italo Calvino, establishing a possible relationship between sociology and literature. The book narrates the story of a poor working-class individual from an industrial city that seeks relief of his objective reality by creating romantic and utopian fantasies about the city and nature in his surroundings. It is interesting for un reflecting upon the necessary link between the city, man and nature, understanding the city as an inevitable condition of mankind. Our interest, taking Calvino's text as a paradigm, will be to perform a rigorous analysis in a dialectical sense of objective contradictions evident in the capitalist city of the twentieth century.

Keywords: Ítalo Calvino, Italian literature; urban-industrial world, City, Utopia

> A vida moderna é [...] especialmente antiestética, ao levar a perturbações contínuas da concentração espiritual, a pressa infindável, o apito da locomotiva, a campainha do bonde a inundação permanente por coisas através do correio, o impertinente serviço de notícias dos jornais, o número crescente de contatos pessoais pela facilidade cada vez maior de transporte público, tudo isso e muito mais estimula sobretudo o desejo de escapar da escravidão do momento: o desejo de tranqüilidade no gozo espiritual, de um calmo mergulho em uma existência cujos momentos solenes não precisam ser perturbados pela brutalidade da luta pela existência, cuja soma possa ser dedicada ao livre vôo da imaginação.
>
> *Karl Lamprecht*

Ítalo Calvino foi um dos maiores escritores italianos da segunda metade do século XX, atingindo ainda em vida notoriedade e fama internacional. Nosso autor construiu seus ensaios na tentativa incessante de compreender a realidade do "breve século XX", seja em narrativas ficcionais ou em críticas literárias e da cultura. Sua trajetória foi marcada por grande autonomia intelectual, responsabilidade ética e moral e empenho civil, que, na compreensão de Alberto Asor Rosa está presente na sua concepção de literatura "(...) enquanto investigação, projeto e construção" (2001, p.XII).

Calvino, dono de profunda consciência sobre o desenrolar do processo histórico, confrontava continuamente o próprio trabalho com a realidade que o circundava. Atento, endereçava sempre seu discurso aos grandes problemas da humanidade.

Por perceber que entendendo a condição da vida urbana compreenderia as condições de grande parte da humanidade no mundo contemporâneo, uma das maiores inquietações do autor foi a de tentar compreender a lógica e o funcionamento dos grandes centros urbanos que ganharam força e tamanho no decorrer do novecentos.

Apaixonado pela vida na cidade, entendia que os séculos XX e XXI seriam, em essência, os da afirmação do urbano e do direito a uma vida digna nestes espaços. Com o cuidado que lhe é característico, Calvino nos apresenta a maneira como a observa:

> Para ver uma cidade, não basta ter os olhos abertos. É necessário, em primeiro lugar, descartar tudo o que impede de vê-la, todas as idéias adquiridas, as imagens preconcebidas que dificultam o campo visual e a capacidade de compreender. Depois, é necessário saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade expõe aos olhos de quem a observa, e enlaçar os fragmentos disseminados em um desenho analítico e unitário, como o diagrama de uma máquina, a partir do qual se pode compreender como esta funciona1 (CALVINO, 1995, p.310).

[1] Sobre a comparação entre a cidade e a máquina: "A comparação da cidade com uma máquina é pertinente e ao mesmo tempo desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, ou seja, serve para nela viver e para se fazer viver. Desviante porque diferentemente das máquinas, que são criadas para uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas resultado de adaptações sucessivas a diversas funções

Seja nos ensaios chamados realistas ou naqueles denominados ficcionais, a narrativa moral e política de Calvino sempre problematizou a cidade. Essencialmente diversas, as cidades de nosso autor aparecem como uma pluralidade de espaços, indivíduos, pessoas e relações sociais. Em certo sentido, as cidades de Calvino se aproximam da proposta de "cidade moderna" de Carl Schorske que a vê como "além do bem e do mal", quando este, ao ler as *Flores do Mal* de Baudelaire, a define como um espaço de complexidades e contradições, "com todas as suas glórias e seus horrores, suas belezas e sua feiúra, como base essencial da existência humana" (SCHORSKE, 2000, p.67). A cidade se anuncia como um ir e vir eterno que gera uma transitoriedade permanente e como o *locus* onde o homem "banha-se na multidão" e vive a experiência da solidão.

É observando e pensando pequenas cenas da vida cotidiana que Calvino cria seus temas mais reveladores. Assim nasce o livro Marcovaldo ou As estações na cidade. Da experiência do carregador da editora Einaudi que, depois de observar o crescimento de cogumelos na calçada, nos monturos ao pé das árvores, decide comê-los e acaba adquirindo uma intoxicação, Calvino escreve o primeiro conto: "Cogumelos na Cidade", e cria o personagem Marcovaldo. Nosso herói é um operário que diante do mundo caótico, cinza e miserável com o qual se depara todos os dias, cria um mundo utópico onde a natureza fantasiada assume o lugar central em seu pensamento e orienta suas ações. Na melhor definição da personagem, temos:

> Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha, não lhe escapava nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência (CALVINO, 1994, p.07).

Nas desventuras trágico-cômicas de Marcovaldo vê-se o esforço de um homem, que está com o "sistema nervoso em tão mal estado", "morto de cansaço", "talvez num processo de

não previstas pelo planejamento anterior. (Penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios.)" (CALVINO, 1995, p.310).

esgotamento" (*idem*, p.13) e procura alívio para sua vida criando fantasias bucólicas com a pouca ou falsa natureza que ele consegue encontrar na cidade, mas acaba sempre subtraído pela dura realidade da vida urbana que exige experiências outras que não as da natureza romantizada.

Publicado pela primeira vez em 1963, *Marcovaldo ou As estações na cidade* é uma narrativa que se completa na leitura de vinte estórias, no correr das quatro estações do ano - primavera, verão, outono e inverno - que se repetem cinco vezes. Existem duas possibilidades de leitura do texto, uma delas se realiza pela acepção cronológica das estórias, em que as passagens de Marcovaldo pelas estações marcariam a relação entre a vida da personagem e o desenvolvimento do contexto histórico italiano.

A outra chave de leitura toma o texto como contos justapostos onde não existiria uma relação seqüencial que levaria ao entendimento do livro como começo, meio e fim. Cada história seria completa em si mesma e a ligação entre os contos seriam as desventuras de Marcovaldo na cidade. Mas, como diria Calvino, as possibilidades de leitura estão abertas e é através das experiências do leitor com os textos que a narrativa adquire sentido. Cabe, portanto, ao leitor o preenchimento desses espaços de significação.

No entanto, o que é comum nas duas possibilidades de leitura é a discussão que Calvino apresenta entre **homem**, **cidade** e **natureza**, e é nessa relação que desenvolveremos o nosso texto. Essa relação, posta como discussão por Calvino, perpassa muitos dos seus escritos. No ensaio de 1958, "Natureza e história no romance", o escritor italiano discute o problema das interpretações feitas sobre os romances do século XIX e XX que colocam como ponto central o conflito entre indivíduo e sociedade e que excluem das análises as transformações da relação entre indivíduo e natureza. A base da crítica de Calvino estaria na ausência da natureza como questão no romance, pois ela tradicionalmente seria uma constante da poesia, enquanto a prosa teria sua temática concentrada na discussão da relação entre sociedade e cidade.

Questionando essas leituras, Calvino seleciona e apresenta no ensaio de 1958 passagens de diferentes romances que trazem a relação entre homem e natureza como indissociada daquela entre indivíduo e sociedade. Para Calvino,

> Indivíduo, natureza e história: na relação entre esses três elementos consiste aquilo a que podemos chamar de épica moderna. O grande romance do século XIX da início a esse discurso, e a narrativa do século

> XX em suas formas mais convulsas e abruptas, lhe dá continuidade. Varia a maneira de considerar a consciência individual, a natureza, a história; variam as relações entre os três termos: mas, com todas as diferenças, as literaturas dos dois últimos séculos apresentam uma perfeita continuidade de discurso (CALVINO, 2009, p.29).

O que Calvino nos diz através do levantamento das passagens é que nos séculos XIX e XX, inúmeros autores trabalharam continuamente para entender essa relação e pensar os problemas que dela derivam. A combinação entre indivíduo, natureza e história, ao ser transformada na realidade concreta da vida cotidiana, faz com que a literatura assuma a importante função de colocar questões, definir estratégias e criar possibilidades para o entendimento. A literatura é um modo refinado de conhecimento e experimentação do mundo, que tem a liberdade de trabalhar essas transformações entrelaçando a subjetividade humana às mudanças históricas e sociais.

A cidade é o *locus* privilegiado do moderno e do modernismo, mais especificamente a grande cidade, por ser o lugar exemplar do desenvolvimento da modernidade. E é exatamente na cidade, a partir da segunda metade do século XIX e durante todo o século XX, que se desdobram os mais distintos tipos urbanos, reforçando a idéia de urbano, garantindo que elas sejam os espaços fundamentais de realização da modernidade como mergulho radical do indivíduo nos problemas da vida citadina, envolvendo a percepção da natureza do novo, a descoberta de seus limites e as ilusões daí decorrentes. Portanto, este seria um importante lugar de discussão sobre a relação entre homem, natureza e história.

Se para Calvino a épica moderna está constituída pela relação entre esses três elementos, significa dizer que a "relação do homem com a natureza e a história se distingue pelo fato de ser livre, não ideológica, não como a daquele que vê no mundo um desenho pré-construido, transcendente ou imanente que seja; em suma, deve ser uma relação de *questionamento*" (*idem*, p.32). Para Calvino, a épica moderna marcaria uma profunda diferença daquilo que seria a épica clássica, em que a relação entre natureza, homem e história era dada por uma ordem cosmológica exterior, definida por Georg Lukács em sua *Teoria do Romance* como "culturas fechadas". A máxima da épica clássica que diz: "um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar" não faz sentido nas culturas abertas. O sentido na modernidade se transforma em eterna busca para algo inatingível.

A relação entre história, homem e natureza já havia sido trabalhada por Calvino na trilogia *Os nossos antepassados*. Nesta composição narrativa, onde temos os romances *O*

visconde partido ao meio (1952), *O barão nas árvores* (1957) e *O cavaleiro inexistente* (1959), Ítalo Calvino experimentou a relação entre realismo e fantasia na discussão sobre os processos de formação do que viria a ser o homem contemporâneo. Na trilogia, a formação do homem contemporâneo é trabalhada a partir dos campos de batalha medievais e narrada como cômicas novelas de cavalaria. *Marcovaldo ou As estações na cidade* também é estruturada de forma cômica, ou melhor, tragicômica, mas o novo do livro é que as desventuras de nosso herói são ambientadas na grande cidade industrial: a cidade moderna.

Assim, o livro nos conduz para essas questões de uma forma bem particular. Nosso herói é um homem comum, que todos os dias toma o bonde para o trabalho; um operário pobre, que "sua a camisa" em uma grande empresa. Casado com uma mulher que muitas vezes não suporta, é pai de seis filhos com quem passa apenas poucas horas do dia. Mora com sua família numerosa em um minúsculo e inóspito apartamento na periferia da cidade, onde divide o quarto com Domitila e mais três crianças. Ex-soldado, reumático e cheio de dívidas, vive com o constante medo de ser despejado, pois nunca consegue pagar o aluguel, em permanente tensão diante da possibilidade de ser despedido, pois está sempre desatendo aos assuntos do trabalho.

Diante dessa realidade, Marcovaldo procura refúgio e alívio dedicando-se "ao livre vôo da imaginação", juntando os restos da pouca e falsa natureza que ele encontra no cotidiano da cidade. Esta atmosfera de tensão revelada pela narrativa da vida de Marcovaldo aproxima Calvino de Walter Benjamin que num texto que não por acaso intitulasse “Experiência e pobreza”. O texto nos dá a chave para o aprofundamento da relação apresentada pelo escritor italiano e é com o texto que se segue que podemos ampliar as descobertas da vida e da ilusão na grande cidade: "Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia-a-dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia por falta de forças" (BENJAMIN, 1994, p.118).

Marcovaldo é alguém que busca alternativas à sua vida miserável através de uma atitude subjetiva e individual que jamais transforma a realidade concreta. A pobreza de sua experiência está na relação falsificada com a história e em uma inconsciência de si e do mundo. Ele sonha com uma natureza romantizada, bucólica, onde ele ilusoriamente acredita que poderia se realizar por inteiro. A pouca natureza que ele encontra na cidade cumpre momentaneamente esta sensação de satisfação. Marcovaldo sonha e cria a utopia da cidade

sem males, mas esse sonho rapidamente se desmancha e a cidade volta a mostrar a face da complexidade.

O que é peculiar no texto, portanto, é a forma como Marcovaldo cria essas fantasias. A cidade de Marcovaldo é em grande parte vivida como um espaço utópico, na medida em que a personagem cria fantasias bucólico-românticas na relação com o meio urbano e a natureza. Os modos de pensar e agir da personagem variam conforme a relação estabelecida com sua esperança e imaginação. Os espaços ganham significados na promessa fantástica de Marcovaldo, mas que no final se revelam sempre em ilusões.

Os espaços utópicos, na concepção foucaultiana, são espaços que não existem objetivamente, ou seja, não podem ser encontrados na realidade social. No entanto, mesmo sendo espaços essencialmente irreais, mantêm com o espaço real da sociedade relações de analogia que podem ser diretas, indiretas ou inversas e contraditórias promovendo ilusões e esperança. Assim, as relações utópicas podem construir pontos de semelhança entre coisas distintas ou estabelecer formas contrárias àquilo que existe na realidade concreta.

Quando, no inverno, a neve cai sobre toda a cidade, Marcovaldo levanta para trabalhar e, ao abrir a janela, se depara com um branco contínuo que faz com que a cidade desapareça e isso lhe aguça o olhar e a imaginação. Indo a pé para o trabalho, em meio à neve que gela seus pés, Marcovaldo sente-se livre como nunca por poder caminhar criando o próprio caminho.

> As ruas e avenidas abriram-se intermináveis e desertas como alvos desfiladeiros entre rochas e montanhas. A cidade oculta sob aquele manto seria sempre a mesma ou durante a noite teria sido trocada por uma outra? Quem garante que debaixo daqueles montinhos brancos ainda se encontravam as bombas de gasolina, as bancas de jornais, as paradas dos bondes, ou será que tudo não se reduzia a sacos e sacos de neve? Andando, Marcovaldo sonhava perder-se numa cidade diferente: seus passos, ao contrário, o conduziam justamente ao local de trabalho de todos os dias, o depósito de sempre, e, superado o umbral, o carregador se admirou de achar-se entre aquelas paredes sempre iguais, como se a mudança que cancelara o mundo exterior só tivesse poupado a sua empresa (CALVINO, 1994, p. 24, grifo meu).

Desiludido por estar mais uma vez naquele mesmo local de trabalho de todos os dias, Marcovaldo reencontra novamente uma saída através da imaginação quando seu chefe lhe pede que limpe toda a neve da calçada. Mesmo com aquele trabalho pesado, "pois limpar a neve não é brincadeira, especialmente pra quem tem o estômago vazio", Marcovaldo sente a

neve como amiga e se realiza neste contato que por um momento "anulava a gaiola de muros em que se aprisionara sua vida" (*idem, ibidem*).

Mas, como todas as estórias do livro se desenvolvem de forma ao mesmo tempo trágica e cômica, ocorrem inúmeros acontecimentos que fazem com que Marcovaldo saia de sua imaginação e volte duramente para a realidade de sua vida. No final, depois de tantas tentativas de permanecer no seu estado imaginativo, "aos olhos de Marcovaldo se reapresenta o pátio de sempre, os muros cinzentos, as caixas do armazém, as coisas de todos os dias, ásperas e hostis" (*idem*, p. 27).

Observando as fantasias de Marcovaldo percebemos a busca pela natureza romantizada e o sonho de um retorno a um passado bucólico como local de felicidade, como uma utopia que, nos contos, estabelece uma relação de inversão da realidade que a personagem experimenta cotidianamente. No entanto, aquilo que Marcovaldo encontra em cada tentativa de relação utópica entre a cidade e a natureza não é o espaço imaginado, mas uma *desilusão*. Quando a relação utópica se desfaz Marcovaldo se depara com uma natureza falsificada e artificializada, completamente oposta à natureza imaginada.

Marcovaldo pode ser lido como uma alegoria do homem contemporâneo que vive constantemente perplexo e inquieto diante de si mesmo e de tudo que se passa ao seu redor. Também pela forma como Calvino compreendeu a complexidade da modernidade no espaço das grandes cidades que inclui a capacidade de imaginação e os modos de viver de nossa personagem. Nosso herói é alguém que vive atônito frente ao cotidiano da cidade, nesta vida aberta e de sentidos infinitos, não existe mais um espírito objetivo unificado que dê conta da complexidade encontrada nas grandes cidades. A realização de sentido se dá por meio da subjetividade individual e esta é a principal característica do habitante da cidade. O mergulho na sua interioridade e que, de certa maneira, salva-o e faz viver, tornando-o alguém muito próximo ao herói de Baudelaire pela sua tenacidade em sobreviver.

Novamente o acompanhamento da narrativa de Calvino nos remete para outros autores. A trajetória de Marcovaldo como habitante da grande cidade, praticamente, o torna um tipo urbano passível de estar presente nas reflexões de Georg Simmel. Com os olhos nas idéias desse pensador alemão, para pensar o habitante da cidade, entendemos que a experiência urbana se realiza na medida em que os indivíduos tomam para si as escolhas de suas ações. Não é o costume e a tradição que orienta os indivíduos, mas as escolhas individuais que precisam ser tomadas diante das possibilidades que aparecem no dia-a-dia. É

neste sentido que o homem vive uma vida desenraizada, onde o fluxo é contínuo e as possibilidades de escolhas são constantemente criadas e abertas.

A diversidade, multiplicidade, heterogeneidade, velocidade, fugacidade, são algumas das principais características das grandes cidades. Nas pequenas vilas ou na vida no campo, os homens mantinham suas relações pessoais num ritmo mais lento, mais habitual e uniforme, que exigia um tipo de *psiché* humana realizável no ânimo e no sentimento. Já o habitante da cidade grande necessita de outra forma de interação que se realiza através do entendimento e da consciência. Isso significa que as transformações objetivas da vida social exigiram uma transformação substancial na subjetividade das pessoas que passou da lentidão para a velocidade, do sentimento para o intelecto, do inconsciente para o consciente. E é no mergulho para o centro deste redemoinho que encontramos a personagem Marcovaldo.

As metrópoles são o símbolo da sociedade aberta, do lugar onde o indivíduo nunca pode ser inteiramente sentido como parte da sociedade, sempre em algum momento o habitante metropolitano sente-se, de alguma maneira, estrangeiro e nunca completo. O *self* passa a conviver com conflitos, contradições e tensões que jamais serão eliminâveis. A saída de nosso herói para essa busca constante de sentido se realiza na relação fantasiada com a natureza.

O eu, ou melhor, o *self* passa a viver experiências fragmentadas, turbulentas e descontínuas, típicas das culturas abertas. A perda da unidade do espírito objetivo convive com o desenvolvimento da escassez do espírito subjetivo que sai de sua profundidade para realizar-se na consciência. Somente na modernidade é que o conflito entre indivíduo e sociedade aparece absolutamente internalizado individualmente. É o conflito entre o ser social e as decisões que levam a si próprio à auto-realização. A singularidade, a racionalização e o intelectualismo, aos quais Simmel se refere, não produz entendimento, tão pouco sentido, nem união recíproca para uma irreparável da realidade.

O habitante da cidade é um nômade urbano que além de transitar por vários espaços, transita no interior de si mesmo. Um ser individual que anda incessantemente perdido pelo caminho que é agora aberto e dado às suas próprias escolhas. O habitante da cidade moderna é o excêntrico, o desiludido, desarraigado, porque todos estão livres do rigoroso controle social externo das sociedades pequenas, livres das aflições designadas, livres para o movimento incessante da experiência, mas também alguém que é permanentemente atacado, contestado em seus incessantes estados de ser. O estrangeiro é primariamente um estrangeiro em si

mesmo, um indivíduo que se aventura de uma percepção a outra sendo incapaz de focar em qualquer coisa.

Acontece que Simmel escreveu seu ensaio "As grandes cidades e a vida do espírito" opondo profundamente a vida da cidade grande à da cidade pequena e a vida no campo. Mas o texto de Calvino, *Marcovaldo ou As estações na cidade*, é mais do que essa oposição. Quando o campo aparece no livro, ele traz também as marcas da modernidade capitalista. O livro introduz uma complexidade que é a impossibilidade de imaginar o campo como o lugar onde o sentido seria manifesto, e indica que essa seria uma atitude idealizada que impossibilita a transformação da realidade concreta.

No conto "A viagem com as vacas", o filho de Marcovaldo decide acompanhar até as montanhas o rebanho de vacas que passa pela cidade. Marcovaldo fica feliz e passa os dias sonhando na vida afortunada de seu filho, imaginando-o ao pé das árvores, vivendo com sombra e água fresca, comendo manteiga e queijos, ouvindo os zunidos das abelhas selvagens e satisfazendo-se entre leite, mel e amora.

Passado um mês, Michelino volta para sua casa e põe por terra toda e qualquer ilusão criada por Marcovaldo. Para responder a pergunta de Marcovaldo, "se era bonita a montanha?", seu filho diz:

> - Trabalhava como uma mula - disse, e cuspiu longe. Tinha ficado com cara de homem. - Todas as tardes mudar os baldes dos ordenhadores de um animal para outro, de um animal para outro e depois esvaziá-los nos latões, rápido, cada vez mais rápido, até tarde. E, de manhã, bem cedo, rolar os latões até os caminhões que os transportam para a cidade... E contar, contar sempre: os animais, os latões, e ai de quem errasse...
> - E você deitava na grama? Quando os animais pastavam?...
> - A gente nunca tinha tempo. Havia sempre o que fazer, correr atrás do leite, da palha dos animais, do estrume. E tudo isso para quê? Com a desculpa de que eu não tinha contrato de trabalho, quanto me pagaram? Uma miséria. Mas, se estão pensando que agora vou dar tudo para vocês, desistam. Para casa, vamos dormir que estou morto de cansaço (CALVINO, 1994, p.59).

Mesmo com a primeira resposta de seu filho, Marcovaldo ainda tenta continuar sonhando com uma vida mais tranqüila no campo, e mais uma vez, com a resposta dura de Michelino, fica clara que essa relação utópica sempre trará desilusões.

A *intensificação da vida nervosa* levantada por Simmel como característica das grandes cidades, no século XX alcança também a vida no campo. O campo, que está agora

conectado à cidade, foi transformado para atender as necessidades da vida urbana. Com isso, o campo traz também a marca da velocidade, da produtividade e da razão capitalista.

O espírito comunitário do campo que manteria uma harmonia entre homem, natureza e história também está desfeito e o campo idílico das utopias antigas desapareceu. A cultura da grande cidade fez do campo um lugar suplementar, dominado pela noção de mercado e envolvido com as premissas capitalistas. No máximo, o campo é um lugar remoto onde se imaginam belezas e relações só vividas no imaginário. A vida real do campo é a dureza narrada pelo filho de Marcovaldo. O campo bucólico é na cidade observado nos jardins das casas ou nos panoramas que descansam os homens da cidade da vida nervosa na visão de Benjamin.

Se para Calvino a épica moderna se realiza no (des)entendimento da relação entre homem, história e natureza, sua crítica deve tomar direções que se entrecruzam, ou seja, se nos aponta para a impossibilidade de uma realização da natureza bucólica e romântica, por outro lado, também aponta para os inúmeros problemas da cidade moderna, industrial e capitalista. Essa combinação expõe as contradições da modernidade e a profunda consciência do homem moderno de não poder realizar o seu projeto exatamente porque não pode acompanhar o ritmo das mudanças.

Assim, vemos Marcovaldo cansado de viver em "uma época em que os alimentos mais simples encerravam ameaças armadilhas e fraudes", onde

> não passava um dia sem que um jornal falasse de espantosas descobertas nas compras do mercado: o queijo era feito de matéria plástica, a manteiga com velas de estearina, na fruta e na verdura o arsênio dos inseticidas estava concentrado em porcentagens cada vez mais fortes do que as vitaminas, para engordar os frangos enchiam-nos com certas pílulas sintéticas que podiam transformar em frango quem comesse uma coxa deles. O peixe fresco havia sido pescado na Islândia e seus olhos eram maquiados para que parecessem de ontem. De algumas garrafas de leite saíra um rato, não se sabia se vivo ou morto. Das de óleo não se escorria o sumo dourado da azeitona, mas a gordura de mulas velhas destiladas de propósito (CALVINO, 1994, p.79).

Era primavera, e diante dessa situação Marcovaldo decide dirigir seus esforços "para prover a família de alimentos que não tenham passado pelas mãos desleais de especuladores" (*idem*, p.80). Ele observa os homens com suas varas de pesca e decide que também realizaria ele próprio sua pescaria. Mas esta só seria realizável em um rio longe da cidade, onde "a água

fosse realmente água e os peixes realmente peixes" (*idem, ibidem*). Com sua bicicleta motorizada, Marcovaldo dirige-se para fora da cidade em busca de alimentos "verdadeiros".

Se perdendo nos bosques, pois não tinha nenhuma familiaridade com o lugar, Marcovaldo encontra uma bacia de um rio calmo onde o azul "lembrava um laguinho da montanha" (*idem, ibidem*). Empresta a vara de pesca de um vizinho, as botas de borracha de um colega de trabalho e logo consegue um arsenal para pesca. Dirige-se prontamente ao lago e lá consegue encher sua cesta de peixes: sente-se satisfeito.

Mas logo aparece um guarda que o repreende e avisa que naquele lago o rio é mais azul pelos dejetos da fábrica de tintas que envenenam a água e os peixes. A ilusão da possibilidade de realizar o sonho se desfaz diante da capacidade do mundo capitalista travestir a realidade num sentido oposto ao de Marcovaldo. Enquanto para ele, a aparência remete para a natureza, para a indústria a aparência é embalagem e pode conter a dualidade, transformando-a em elemento de venda no mercado.

Essa é uma das profundas marcas da cidade industrial: a capacidade de produzir um movimento que aliena o homem e faz com que ele perca a consciência de sua humanidade. A grande cidade industrial criou uma nova personagem que dialoga com os seus habitantes que é a própria cidade, tomada como exemplaridade do moderno, como demonstração do progresso e que colocou o homem numa condição de inferioridade e de infelicidade diante de sua imensa dificuldade de se movimentar por conta própria. A divisão em classes, a fragmentação do espaço urbano, a perda do direito à vida própria são intrínsecas à cidade moderna, industrial e capitalista.

Marcovaldo é um símbolo cômico do desencanto frente a essa cidade industrial, onde toda a experiência se torna problemática. Por isso, o tom melancólico que perpassa todo o livro. Essa melancolia expressa pela personagem é o reconhecimento da absoluta impossibilidade de realização do homem tanto na natureza romantizada quanto na cidade capitalista predatória.

Baudelaire, Lukács, Simmel, Benjamin e Calvino apresentam uma modernidade incapaz de realizar a vida humana e fazem da modernidade, desde seu início, crise e desafio da vida humana nas grandes cidades industriais e apresentam como alternativa a retomada da consciência simples do homem, dada por sua capacidade de crítica que através da denúncia do que acontece na grande cidade, seja pela literatura, pela história ou pela sociologia, descobre o véu de falsidade da própria modernidade, nascida já em crise. A cidade moderna nasce em

crise, pois a ilusão de uma cidade das luzes é logo eliminada pela cidade do vício, que também é superada pela cidade além do bem e do mal, onde a falta de consistência das tradições colabora para a perda total de referências humanas, comandadas a partir daí pelas experiências da técnica, fazendo com que a busca individualizada e sonhada na romantização da natureza não dê conta de modificar a realidade objetiva.

Marcovaldo é o exemplo da luta entre natureza e história através de sua subjetividade e da sua constante tensão interior revelada pela presença ainda viva de sua própria consciência individual. O grande dilema do homem que habita a cidade moderna é que ele possui a consciência da crise, mas está impossibilitado de agir para eliminá-la, o que aprofunda a sua capacidade de enxergar o mundo, mas não perceber saídas, mesmo no mundo imaginário das utopias.

Marcovaldo, como qualquer habitante da cidade moderna, tenta superar os obstáculos da grande cidade industrial, buscando na sua subjetividade alguma coisa que o salve, mas a própria subjetividade o engana e os sonhos se tornam desenganos, aumentando muito mais a dor diante da realidade. Marcovaldo é um habitante da cidade moderna que sofre, pois a cidade é um espaço que não aceita a ingenuidade, alguém eternamente descontente que corre em busca de sentidos e só acha desilusões, o que o leva a uma constante perplexidade que o faz interrogar um mundo profundamente transformado. É esse clima de desilusão que Calvino coloca no centro de suas discussões.

Embora a cidade construída por Calvino seja ficcional ela é estruturada de modo a poder se apresentar como se fosse uma cidade real, no sentido dado por Wolfgang Iser que entende a ficção não como a própria realidade ou reflexo desta, mas a ficção como uma construção do tipo "como se", isso significa que "tal realidade é posta entre parênteses e não significa algo dado, devendo apenas ser compreendida como se fosse dada" (ISER, 1999, p.167).

Um dado interessante é que o nome da cidade onde vive Marcovaldo não é dito em nenhum momento. Não indicar um nome, não nomear qual ela é, revela que o interesse de Calvino não está em descrever uma cidade específica, mas aquilo que é intrínseco à vida urbana. Ele percebe que as cidades, por mais distintas que sejam, em muitos elementos se tornaram iguais. Sua necessidade está no entendimento do fenômeno urbano, da metrópole com suas contradições, na cidade moderna industrial, que pode ser qualquer grande cidade.

Se o livro coloca as questões da cidade moderna através de uma cidade imaginada, invisível, isso não quer dizer que ela seja irreal, principalmente quando mostra a impossibilidade desse imaginário se anunciar como saída. A concretude da cidade imaginária está em ela conter os problemas reais e não permitir a vitória da cidade imaginada. Por isso, nessa cidade coexistem elementos da realidade concreta, e elementos fantásticos:

> "no século XX, é um uso intelectual (e já não emocional) do fantástico que se impõe: como jogo, ironia, piscadelas, e também como meditação sobre os pesadelos ou os desejos ocultos do homem contemporâneo" (CALVINO, 2009, p.257).

A imaginação para Calvino é ao mesmo tempo um elogio e exige um cuidado para não cair em ilusão, exatamente porque ela é a consciência crítica do homem envolvido pela modernidade. Calvino pensa a imaginação como algo positivo. Seus livros trazem isso como marca, pois no fundo Calvino sabe que a imaginação é a única possibilidade, mas não é qualquer imaginação, é aquela que abre para a possibilidade de transformação política, que faz o homem refletir sobre sua situação no mundo, que torna consciente a responsabilidade de agir sobre esse próprio mundo.

Assim, o livro apresenta Marcovaldo como alguém que questiona a cidade e, em sentido *lato*, como alguém que questiona a modernidade. Questionar a modernidade significa questionar também a cidade como mundo onde o conceito de realidade única e totalizante baseada no racionalismo e positivismo precisa ser dissolvida. Se o livro abre a discussão através da fantasia, ao final não deixa espaço para ilusões.

No momento em que no século XXI a busca *desesperada* pela natureza se torna a ordem vigente, questionar, interpretar, compreender a relação entre cidade, homem e natureza é importante e necessária: "Para o bem ou para o mal, a civilização moderna não é possível sem a cidade. E a cidade não só como cenário, mas condição inevitável da civilização" (PECHMAN, 1999, sp.). Criar esperanças fáceis imaginando um retorno a um passado idílico, que provavelmente nunca existiu, termina sempre em desilusões, e, no limite, revela a incompreensão da realidade de nosso tempo.

Referências Bibliográficas:

ARAUZ, Valéria Angélica, **Indizíveis, intangíveis, impossíveis***:* mundos ficcionais em I nostri antenati, de Italo Calvino. 2009. Tese de doutorado em Estudos Literários - UNESP, Araraquara.

BELMAR, Mari Carmen. "Comunicação y/o soledad en «Il gorilla albino» (de Palomar) e «Il coniglio velenoso» (de Marcovaldo) de Italo Calvino". Cuadernos de Filologia Italiana, n. 4, p. 284-293, 1997.

BENJAMIN, Walter. "Experiência e pobreza". In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura.** 7. Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. "O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. 7. Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRITTO, Roberto Augusto. "As representações urbanas em Marcovaldo ou As estações na cidade". **Revista Científica Semioses**, v. 1, p. 1-9, 2006.

CALVINO, Italo. **Assunto encerrado:** discurso sobre literatura e sociedade. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

_____. **Punto y Aparte.** Ensayos sobre literatura y sociedad. Barcelona: Tusquets Editores, 1995.

_____. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERRAZ, Bruna. "As estações de Marcovaldo: relação entre cidade e natureza a partir da obra Marcovaldo ou As estações na cidade, de Italo Calvino". **Cadernos Banjaminianos**, n. 3, p.34-42, jan-jun. 2001.

FOUCAULT, Michel. "Outros espaços". In: **Ditos & Escritos III - Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

IOZZI, Adriana. "Da vanguarda ao pós-moderno: Ítalo Calvino e a literatura renovada". In: IV COGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE

LITERATURA COMPARADA, 2001, Évora. Universidade de Évora, v. I, p. 1-10. Disponível em: http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeI/DA%20VANGUARDA%20AO%20POS-MODERNO.pdf

ISER, Wolfang. **O Fictício e o Imaginário**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.

LUCKÁCS, Georg. **A teoría do romance:** um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo, Duas Cidades; Ed. 34. 2000.

PECHMAN, Robert. "Pedra e discurso: cidade, história e literatura". **Revista Semear** 3. Rio de Janeiro, no. 3, 1999. Disponível em: http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/3Sem_06.html

ROSA, Alberto Asor. **Stile Calvino: cinque studi**. Torino, Einaudi, 2001.

SCORSKE, Carl. **Pensando com a história**: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

SIMMEL, Georg. "As grandes cidades e a vida do espírito". Mana, vol. 11, nº 2, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010

_____ "O estrangeiro". **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, vol. 04, nº 12, 2005. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse

TURNATURI, G. "Two discourses on cities: Sociology and Literature from Georg Simmel to Italo Calvino". **London School of Economics**, 2005. Disponível em: www2.lse.ac.uk/publicEvents/pdf/20050310-Turnaturi-JaneJacobs.pdf

WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2000.